

O ESTUDO DOS EFEITOS EM COMUNICAÇÃO NA PERSPECTIVA DA ESTÉTICA DA RECEPÇÃO

Mágda Rodrigues da Cunha¹

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

O trabalho propõe uma perspectiva de estudo da recepção em comunicação, tomando como ferramenta a Estética da Recepção, uma teoria da literatura formulada por Jauss. Tal perspectiva considera como recorte os meios de comunicação, suportes tecnológicos das linguagens e dos conteúdos. Especificamente foi testada por intermédio da investigação do valor de permanência do rádio, meio de comunicação de massa, inventado no início do século XX, e que vem sofrendo diferentes modificações em sua forma tecnológica e seu conteúdo, apropriando-se dos códigos dos diferentes horizontes históricos. O meio radiofônico tem características, por sua permanência ao longo do século XX, importantes para tal experiência teórica. A proposta para estudo da recepção do presente, considerando o passado, tem origem na complexidade das relações entre público e obras. Como investigar melhor a recepção, saber o que pensa e por que se relaciona com algum meio ou obra? Olhando para o passado é possível entender o presente com maior propriedade.

Os estudos sobre as relações entre os meios de comunicação e o receptor não são novos e vêm sendo realizados desde o início do século XX. Souza (1995) ressalta que são novos e instigantes os enfoques e as posturas com que a questão vem sendo tratada, deslocando os modos de ver e analisar o receptor. Tais enfoques expressam mudanças nas práticas de comunicação e cultura, num contexto social marcado pela tensão e disparidade entre mudanças sociais e tecnológicas. O autor enfatiza que há também novas estratégias interdisciplinares em curso, visando não apenas superar limites ou dificuldades de suas áreas – objeto de estudo, mas visando dar conta de forma mais efetiva da contribuição do conhecimento ante a pluralidade e velocidade das mudanças que caracterizam a sociedade atual. O pensamento de Mattelart e Mattelart (1999) complementa tal idéia, salientando que

¹ Mestre em Comunicação Social, Doutora em Letras, professora da Faculdade de Comunicação Social/PUCRS.

a noção de comunicação recobre uma multiplicidade de sentidos. A proliferação das tecnologias e a profissionalização das práticas acrescentam novas vozes a essa polifonia, num fim de século que faz da comunicação uma figura emblemática das sociedades do terceiro milênio.

As constantes transformações sociais e tecnológicas tornam os estudos de recepção uma atividade complexa. Muitos são os limites impostos pelas próprias teorias quando relacionadas ao objeto. Cultura, linguagem e historicidade são fatores envolvidos na multiplicidade de sentidos que recobrem a comunicação. Por isso, é necessário considerar permanentemente compreensão e interpretação. É importante avaliar o presente, levando em conta o passado, entendendo que a recepção em um momento ocorre a partir da fusão de horizontes históricos do passado, chegando ao presente. O processo é complexo e, como afirma Morin (1995), os pensamentos fracionais, que fragmentam tudo o que é global, ignoram por natureza o complexo antropológico e o contexto planetário. Mas não basta inscrever todas as coisas e os acontecimentos num quadro ou horizonte planetário. Trata-se de buscar sempre a relação de inseparabilidade e de inter-retro-ação entre todo fenômeno e seu contexto e de todo o contexto com o contexto planetário.

Considerando tais fatores, é possível apropriar-se da Estética da Recepção, uma teoria criada para analisar o texto literário, para avaliar a recepção em comunicação. A proposta apresentada por Jauss nos anos 60 aponta que o leitor é responsável pela atualização dos textos e garante a historicidade das obras literárias. Esta historicidade não resulta da produção em certa data e sim da circunstância de ainda ser lida e apreciada em diferentes épocas. O mesmo texto literário atravessa diferentes horizontes, mantendo sua forma. Os meios de comunicação sofrem alterações tecnológicas e de conteúdo. Todavia, como afirma Jauss, a conexão histórica em que aparece uma obra literária não é nenhuma sucessão fática de acontecimentos. O acontecimento literário segue atuando quando, entre os indivíduos da posteridade, se encontram leitores que queiram apropriar-se de novo da obra literária ou autores que queiram imitá-la, superá-la ou rebatê-la. Mesmo sofrendo modificações, os meios de comunicação encontram na audiência, dentro de uma conexão histórica, apropriação, imitação, superação ou contrariedade. Um meio pode ser inventado em um determinado momento histórico e não ter receptividade naquele horizonte. É possível que, posteriormente, seja reavaliado e aperfeiçoado, encontrando um fim para sua existência a partir do processo de recepção.

Um meio de comunicação acumula mudanças expostas ao público, que o compara com a tradição e os elementos de sua cultura e de seu tempo, incluindo-o ou não como componente de seu horizonte de expectativas. A partir disso, como define o pensamento de Jauss para o texto literário,

mantém seu horizonte como era ou prepara-o para novas leituras da mesma ordem, para novas experiências de ruptura com os esquemas estabelecidos. É este processo de recepção, uso e apropriação que determina a permanência, evolução ou mesmo desaparecimento dos meios.

A Estética da Recepção aponta que a atitude de interação tem como pré-condição o fato de que texto e leitor estão mergulhados em horizontes históricos, muitas vezes distintos e defasados, que precisam fundir-se para que a comunicação ocorra. Jauss vê na Estética da Recepção a necessidade de entender os efeitos das obras e acontecimentos do passado, desde a perspectiva do leitor contemporâneo, sobre quem ainda repercutem efeitos dos movimentos ocorridos em outras épocas. O teórico divide seu projeto em sete teses, onde as quatro primeiras têm caráter de premissas, oferecendo as linhas da metodologia explicitada nas três últimas.

O objetivo, assim como para o texto literário, é observar o cruzamento de apreensões que se fizeram e se fazem dele nos vários contextos históricos em que ele ocorre e no que agora é estudado. Quais os elementos que causam impacto sobre o leitor, mas também qual a idéia fundamental que atravessa a própria série de acontecimentos que a pesquisa toma por assunto, manifestando-se no texto, que é o meio de comunicação, suporte tecnológico e conteúdo, e conectando-o aos acontecimentos do mundo. A fusão dos horizontes deve ser considerada ao longo da construção dos horizontes e avaliação. Metodologicamente, o objeto deve ser descrito juntamente com a aplicação da teoria, por tratar-se de uma proposta de utilização da Estética da Recepção, uma teoria da literatura, para análise de um objeto da comunicação massiva.

Na literatura, é a partir dos anos 60, intensificando-se nos anos 70 do século XX, que as correntes voltadas ao estudo da literatura começam a assumir denominações que aludem, direta ou indiretamente, à leitura ou ao leitor. Os ensaios de Hans Robert Jauss, em que orienta a teoria da literatura na direção da estética da recepção, aparecem depois de 1967. Já as coletâneas norte-americanas que se referem ao Reader-Response Criticism são publicadas por volta de 1980. Zilberman (1989) relembra exposição de Hans Robert Jauss, em 1975, quando o autor situa o movimento no contexto dos acontecimentos políticos e intelectuais da década de 60. As transformações, especialmente na vida universitária, caracterizam esse período. A sociedade ocidental também é afetada com consequências visíveis em vários setores, entre eles o das investigações literárias. Jauss entende que a história da literatura esquia-se, habitualmente, de uma enumeração meramente cronológica dos fatos e ordena seu material segundo tendências gerais, gêneros e outras categorias, para então abordar as obras individualmente e em seqüência cronológica.

O teórico entende que a qualidade e a categoria de uma obra literária não resultam nem das condições históricas ou biográficas de seu nascimento, nem tão somente de seu posicionamento no contexto sucessório do desenvolvimento de um gênero, mas sim dos critérios da recepção, do efeito. É neste ponto que Jauss começa a traçar sua tese, apresentando propostas à questão histórica. O historiador da literatura trabalha com um passado acabado, deixando ao crítico competente o juízo sobre a literatura do presente inacabado e apegando-se ao cânone segundo das chamadas obras-primas. Assim, permanece em sua distância histórica, uma ou duas gerações atrasado em relação ao estágio mais recente do desenvolvimento da literatura. Participa como leitor passivo da discussão presente sobre os fenômenos literários contemporâneos.

Discutindo o papel que resta então ao estudo histórico da literatura, Jauss (1994) fala sobre as citações que para ele não constituem apenas um apelo a uma autoridade com o propósito único de sancionar determinado passo no curso da reflexão científica. Elas podem ainda retomar uma questão antiga para demonstrar que uma resposta já tornada clássica não mais se revela satisfatória. Essa própria resposta faz-se novamente histórica, demandando uma renovação da pergunta e de sua solução. Jauss (1994) cita Humboldt e Gervinus afirmando que um historiador da literatura somente se torna um historiador de fato quando, investigando seu objeto, *encontra aquela idéia fundamental que atravessa a própria série de acontecimentos que ele tomou por assunto, neles manifestando-se e conectando-os aos acontecimentos do mundo*. Mais uma vez, o autor apresenta uma das bases de sua tese. Justifica a necessidade de uma marca de permanência da obra literária, ao longo do tempo, ligada ao contexto histórico. Considera fundamental o conhecimento daquilo que persiste em meio à mudança constante. Isso, todavia, desobriga-nos do esforço da compreensão histórica.

A recepção de uma obra pelo leitor encerra uma avaliação de seu valor estético, pela comparação com outras obras já lidas. A implicação histórica manifesta-se na possibilidade de, numa cadeia de recepções, a compreensão dos primeiros leitores ter continuidade e enriquecer-se de geração em geração, decidindo, assim, o próprio significado histórico de uma obra e tornando visível sua qualidade estética. Sendo a literatura contemplada na dimensão de sua recepção e de seu efeito, a oposição entre seu aspecto estético e seu aspecto histórico vê-se constantemente mediada. Assim, é reatado o fio que liga o fenômeno passado à experiência presente da poesia, fio este que o historicismo rompera. Jauss busca então responder à pergunta acerca de como seria possível fundamentar e metodologicamente reescrever a história da literatura.

Nesse ponto, Jauss (1994) apresenta sete teses que vão determinar seu pensamento em torno da Estética da Recepção. Afirma que uma renovação da história da literatura demanda que se ponham abaixo os preconceitos do objetivismo histórico e que se fundamentem as estéticas tradicionais da produção e da representação numa estética da recepção e do efeito. A análise da experiência do leitor escapa do psicologismo que a ameaça quando descreve a recepção e o efeito a partir do sistema de referências. Este pode se constituir em função das expectativas presentes no momento histórico do aparecimento de cada obra. Historicidade, segundo Jauss, coincide com atualização e esta aponta para o indivíduo capaz de efetivá-la: o leitor. Ele altera o foco a partir do qual se analisam os fenômenos literários, mas vê-se perante um conceito de leitor que arrisca defini-lo enquanto subjetividade variável, dependente de suas experiências pessoais. A partir disso, define a sua segunda tese.

Para descrever a experiência do leitor não é necessário recorrer à psicologia, mas voltar-se à recepção e ao efeito de uma obra no sistema objetivo de expectativas que, para cada uma, no momento histórico de seu aparecimento, decorre da compreensão prévia do gênero, da forma e da temática de obras anteriormente conhecidas e da oposição entre linguagem poética e linguagem prática. Por isso, em vez de lidar com o leitor real, Jauss busca determinar seu real saber prévio. Para tanto, não interroga as pessoas, que só poderiam fornecer poucas informações, se questionadas hoje e menos ainda em épocas anteriores. A consulta é dirigida às obras, porque na medida em que participam de um processo de comunicação e precisam ser compreendidas, apropriam-se de elementos do código vigente.

Cada leitor pode reagir individualmente a um texto, mas a recepção é um fato social, uma medida comum localizada entre essas reações particulares. Por mais renovadora que seja, cada obra não se apresenta como novidade absoluta num vazio informativo, mas predispõe seu público por meio de indicações, sinais evidentes ou indiretas, marcas conhecidas ou avisos implícitos. Conforme Zilberman (2001), ignora-se a intimidade e disposições do leitor, mas se reconhece como se realiza o processo de sua leitura, graças ao exame de normas conhecidas por ocasião da produção do texto e da poética imanente do gênero. O objetivo é definir o horizonte que abriga o leitor e sintetizar o comportamento da sociedade ou de seus grupos. Com isso, é possível observar o modo distinto e singular com que os textos escritos são acolhidos nos diferentes horizontes. Individualiza-se o processo de recepção, ressalta Zilberman (2001), e não a figura do leitor. Cada criação literária, na sua peculiaridade, suscita reações específicas.

Em sua terceira tese Jauss trabalha com a reconstituição do horizonte de expectativas, possibilitando determinar o caráter artístico de uma obra no modo e no grau de sua ação sobre um certo público. Com isso, procura resolver o que considera um problema da crítica às histórias da literatura. Estas são unilaterais, examinando ou as relações das obras com a época e não dando conta de sua natureza artística ou centrando-se nesta, mas esquecendo-se de confrontá-la a seu contexto histórico e social. No seu pensamento, o valor decorre da percepção estética que a obra é capaz de suscitar.

Mais comprometida com a hermenêutica, de acordo com Zilberman (1989:36), a quarta tese de Jauss procura examinar melhor as relações do texto com a época do seu aparecimento. O trabalho do passado impede que os juízos do crítico interfiram na avaliação da obra. ... *esta é considerada na relação com o horizonte dentro do qual apareceu, e não a partir das preferências e critérios pessoais de quem estuda*. Nesta tese, o teórico busca em seu mestre Gadamer a noção de horizonte histórico englobado pelo horizonte da atualidade e afirma que *compreender é sempre proceder ao processo de fusão dos horizontes aparentemente independentes um do outro*.

Gadamer (1997: 505) define que a consciência da história efetual é diferente da investigação da história efetual de uma obra. Também difere do rastro que uma obra deixa atrás de si, que é antes uma consciência da própria obra e que, nesse sentido, ela mesma produz o efeito. A consideração sobre a formação e a fusão de horizontes tem em vista precisamente descrever a maneira como se realiza a consciência da história efetual.

Por muito que se ponha em relevo que a consciência da história efetual forma parte, ela própria, do efeito, é preciso admitir que toda consciência aparece essencialmente sob a possibilidade de elevar-se acima daquilo de que é consciência. A estrutura da reflexividade está dada fundamentalmente em toda forma de consciência. Deve valer também, portanto, para consciência da história efetual.

A quinta tese explicita o primeiro dos caminhos, afirmando que, para situar uma obra na *sucessão histórica*, é preciso considerar a experiência literária que propicia, a história dos efeitos. Uma obra não perde seu poder de ação ao transpor o período em que aparece. Muitas vezes sua importância cresce ou diminui no tempo, determinando a revisão das épocas passadas em relação à

percepção suscitada por ela no presente. A última tese procura examinar as relações da literatura com a sociedade. Conforme Jauss, a literatura pré-forma a compreensão de mundo do leitor, repercutindo então em seu comportamento social. Considera que a arte não existe para confirmar o conhecido e sim para contrariar expectativas. A relação entre literatura e leitor pode atualizar-se tanto no terreno sensorial, como estímulo à percepção estética, como também no terreno ético, enquanto *exortação à reflexão moral*.

Zilberman (1989) explica que, considerando suas teses, Jauss esclarece seu programa metodológico, que investiga a literatura sob tríplice aspecto. O diacrônico (tese 5) é relativo à recepção das obras literárias ao longo do tempo, o sincrônico mostra o sistema de relações da literatura numa dada época e a sucessão desses sistemas (tese 6) e na tese 7 está o relacionamento entre a literatura e a vida prática. Para a comunicação, é possível propor a consulta às obras, que são os meios e as formas como se apresentam, a reconstrução dos diferentes horizontes de expectativas em que se inserem os objetos estudados, as audiências e por fim localizar as perguntas e respostas dos horizontes e dos meios, respectivamente. Deve ser considerada a fusão de horizontes, de acordo com o recorte de tempo investigado, além da recepção dos meios ao longo do tempo, as relações numa determinada época e a sucessão destes sistemas, para chegar à relação dos meios com a vida prática.

No presente estudo, entende-se que a inquietação do público pode motivar o aperfeiçoamento das invenções. Na literatura, a emancipação resulta de um mesmo texto, que provoca rupturas e faz com que o leitor prepare-se para receber outros textos da mesma ordem. No caso dos meios de comunicação, a audiência é preparada para inovações e alterações, oriundas da evolução tecnológica, que oferece possibilidades novas em processos de comunicação. Neste sentido, considerando tecnologia que muda em sua forma, como objeto de estudo, é possível trazer o pensamento de Morin (1999), para quem a educação habituou a humanidade a uma concepção linear da causalidade. O autor entende como importante o conceito de circularidade retroativa. Morin (1999) busca o exemplo de um sistema de aquecimento central. Uma caldeira alimenta os radiadores e quando é atingida a temperatura desejada, um termostato faz parar o funcionamento da mesma. Se a temperatura baixa, um termostato faz funcionar a caldeira novamente. Há, em consequência, um sistema onde o efeito atua retroativamente sobre a causa.

Assim, uma tecnologia de comunicação surge, é avaliada pela audiência dentro do horizonte de expectativas no qual emerge, é assimilada ou rejeitada. A aceitação entra em processo de evolução retroativa, levando a modificações em forma e conteúdo. A rejeição pode levar ao

desaparecimento e ressurgimento posterior ou não. As tecnologias em comunicação entram em processo de circularidade retroativa de evolução, motivadas pelos efeitos que causam nos diferentes horizontes. Não emancipam na direção de um pensamento, mas pelo desejo de uma possibilidade cada vez mais aperfeiçoada. Castells (1999) afirma que a habilidade ou a inabilidade de as sociedades dominarem a tecnologia e, em especial, aquelas tecnologias estrategicamente decisivas em cada período histórico, traça seu destino, tornando possível afirmar que, embora não determine a evolução histórica e a transformação social, a tecnologia ou sua falta, incorpora a capacidade de transformação das sociedades, bem como os usos que as sociedades, sempre em um processo conflituoso, decidem dar ao seu potencial tecnológico.

O horizonte de expectativas de cada obra, que assim se pode reconstruir, torna possível determinar seu caráter artístico a partir do modo e do grau segundo o qual ela produz seu efeito sobre um suposto público. A reconstrução do horizonte de expectativas sob o qual uma obra foi criada e recebida no passado possibilita, de outra parte, que se apresentem as questões para as quais o texto constituiu uma resposta e que se descortine assim a maneira pela qual o leitor de outrora terá encarado e compreendido a obra. Bordini e Aguiar (1993) avaliam que no método recepcional a obra é um cruzamento de apreensões que se fizeram e se fazem dela nos vários contextos históricos em que ela ocorreu e no que agora é estudada. A atitude de interação tem como pré-condição o fato de que texto e leitor estão mergulhados em horizontes históricos, muitas vezes distintos e defasados, que precisam fundir-se para que a comunicação ocorra. Estes quadros de referências, a que Jauss classifica como horizontes de expectativas, que incluem todas as convenções estético-ideológicas que possibilitam a produção/recepção de um texto, incluem também aspectos sociais, intelectuais, ideológicos, lingüísticos e literários.

No ato de produção/recepção, a fusão de horizontes de expectativas se dá obrigatoriamente, uma vez que as expectativas do autor se traduzem no texto e as do leitor são a ele transferidas. O texto se torna o campo em que os dois horizontes podem identificar-se ou estranhar-se. Daí poder-se tomar a relação entre expectativas do leitor e a obra em si como parâmetro para a avaliação estética da literatura, conforme definem Bordini e Aguiar (1993:83-84). Distância estética é a diferença entre as expectativas e a forma concreta de uma obra nova, que pode iniciar uma modificação de horizonte. Isto porque rejeita experiências familiares ou acentua outras latentes e se materializa na variedade das reações do público e dos juízes da crítica (êxito espontâneo, desprezo, provocação, aprovação esporádica, compreensão cada vez mais crescente ou tardia).

A valorização das obras se dá na medida em que, em termos temáticos ou formais, elas produzem alteração ou expansão do horizonte de expectativas do leitor por oporem-se às convenções conhecidas e aceitas por esse. Uma obra é perene enquanto consegue continuar contribuindo para o alargamento dos horizontes de expectativas de sucessivas épocas.

As autoras salientam que a atitude receptiva começa com uma aproximação entre texto e leitor, em que toda a historicidade de ambos vem à tona. As possibilidades de diálogo com a obra dependem então do grau de identificação ou de distanciamento do leitor em relação a ela no que tange às convenções sociais e culturais a que está vinculado e à consciência que delas possui.

Se a obra corrobora o sistema de valores e normas do leitor, o horizonte de expectativas desse permanece inalterado e sua posição psicológica é de conforto. A literatura de massas, por exemplo, pré-fabricada para satisfazer a concepção que o leitor tem do mundo dentro de uma certa classe social, busca, com essa conduta, alcançar altos níveis de aceitabilidade. Obras literárias que desafiam a compreensão, por se afastarem do que é esperado e admissível pelo leitor, freqüentemente o repelem ao exigirem um esforço de interação demasiado conflitivo com seu sistema de referências vitais. Diante de um texto que se distancia de seu horizonte de expectativas, o leitor, além de responder ao desafio por mera curiosidade ante o novo, precisa adotar uma postura de disponibilidade, permitindo à obra que atue sobre seu esquema de expectativas através das estratégias textuais intencionadas para a veiculação de novas convenções. O processo de recepção se completa quando o leitor compara a obra emancipatória ou conformadora com a tradição e com os elementos de sua cultura e seu tempo. Ele a inclui ou não como componente de seu horizonte de expectativas, mantendo-o como era ou preparando-o para novas leituras de mesma ordem, para novas experiências de ruptura com os esquemas estabelecidos.

A ênfase na atitude receptiva emancipadora promove a contínua reformulação das exigências do leitor quanto à literatura bem como quanto aos valores que orientam a sua experiência do mundo. A literatura não se esgota no texto, mas completa-se no ato de leitura e o pressupõe, prefigurando-se em si, através de indícios do comportamento a ser assumido pelo leitor. Este pode submeter-se ou não a tais pistas de leitura, entrando em diálogo com o texto e fazendo-o corresponder a seu arsenal de conhecimentos e de interesses. O processo de recepção textual, portanto, implica a

participação ativa e criativa daquele que lê, sem com isso sufocar-se a autonomia da obra. Diferentes tipos de textos e de leitores interagem de modos imensamente variados.

Bordini e Aguiar (1993) afirmam que o processo de recepção se inicia antes mesmo do contato do leitor com o texto. O leitor possui um horizonte que o limita, mas que pode transforma-se continuamente, abrindo-se. Esse horizonte é o do mundo de sua vida, com tudo que o povoa: vivências pessoais, culturais, sócio-históricas e normas filosóficas, religiosas, estéticas, jurídicas, ideológicas que orientam ou explicam tais vivências. Munido dessas referências, o sujeito busca inserir o texto que se lhe apresenta no esquadro de seu horizonte de valores. O texto pode confirmar ou perturbar esse horizonte em termos das expectativas do leitor, que o recebe e julga por tudo o que já conhece e aceita.

Comunicação e literatura integram a cultura e dela sofrem influência. Como afirma Barthes (1988:69), o texto é um espaço de dimensões múltiplas, é um tecido de citações saídas *dos mil focos da cultura*. O homem precisa dessa cultura que é tudo e é também linguagem. Ambas estão relacionadas a certas regras que vêm de uma lógica milenar da narrativa, que constitui a pessoa antes do nascimento. Autores e leitores, segundo Barthes (1988), não são mais do que uma passagem desse imenso espaço cultural. No campo da cultura, da linguagem e da narrativa estão leitor, escrita, oralidade, imagem. Nesse espaço, comunicação e literatura buscam seus suportes de transmissão da palavra. Tal transmissão ocorre na relação entre jornal e a palavra escrita, o rádio e o áudio, a televisão e a imagem, a internet e a convergência destas linguagens e a literatura no livro. São objetos diferentes, que encontram semelhanças pelo ato de narrar, pela dependência de uma linguagem e pela existência na cultura. Linguagem esta, conforme Lévy (1993), que é instrumento de memória e de propagação das representações.

Barthes (1988:42) entende que as associações geradas pela letra do texto nunca são anárquicas, mas tomadas dentro de certos códigos, certas línguas e listas de estereótipos. A leitura mais subjetiva que se possa imaginar nunca passa de um jogo conduzido a partir de certas regras. Retirando o autor do centro e retomando a importância da cultura, Barthes (1988:69) salienta que o texto não é feito de uma linha de palavras a produzir um sentido único, de certa maneira teológico, que seria a mensagem do Autor-Deus. Trata-se de um espaço de dimensões múltiplas, onde se casam e se contestam escrituras variadas, das quais nenhuma é original. Reflete sobre a cultura e afirma que para dizer-se homem, o homem precisa de uma linguagem, isto é, da própria cultura. Segundo ele, encontram-se hoje no organismo vivo as mesmas estruturas que no sujeito falante, pois a própria vida

está construída como uma linguagem. *Em resumo, tudo é cultura, da roupa ao livro, da comida à imagem, e a cultura está por toda a parte, de uma ponta à outra das escalas sociais. Essa cultura, decididamente, é um objeto bem paradoxal: sem contornos, sem termo oposicional, sem resto.*

Colocando-se sob a perspectiva da cultura, da linguagem e da lógica da narrativa, comunicação e literatura estão relacionadas em um mesmo horizonte de expectativas. A Estética da Recepção aponta que a atualização de um texto literário está nas diferentes leituras que suscita ao longo do tempo. Para os meios de comunicação, esta atualização pode ser verificada nas diferentes leituras a partir das apropriações que fazem do código vigente para sua modificação tecnológica e de conteúdo, adaptando-se às condições da audiência.

A proposta de Jauss sugere a consulta às obras, que participam de um processo de comunicação e para ser compreendidas, apropriam-se de elementos do código vigente. A presente proposta teórica para a Comunicação foi testada por intermédio da consulta ao percurso do rádio no século XX e início do século XXI. Metodologicamente, o meio estudado é equivalente ao texto literário. Em sua origem, o rádio, por exemplo, é transmissão de sinais, passando à emissão da palavra oral. Esta palavra é emitida por uma tecnologia pesada, os rádios à válvula. Todavia, a voz, pelo envolvimento por inteiro que proporciona e por acompanhar as pessoas onde quer que estejam, precisa estar associada a uma tecnologia com mobilidade semelhante. A invenção do transistor torna o rádio com tecnologia condizente à mobilidade da voz. McLuhan afirma que não se fala no som chegando a uma parte, mas ao ambiente inteiro.

O desejo humano de levar aquela voz para além de sua casa torna o rádio portátil a partir do transistor. Enfrentando a televisão, cujo suporte é a imagem, o rádio segmenta sua programação. Acompanha o ouvinte com voz, tecnologia portátil e conteúdo específico. No final do século, sua abrangência, tendo a voz como base, deve ser ampliada. No horizonte, mais uma vez, está presente o interesse pela comunicação a distância, respondido pela Internet. O rádio torna sua mensagem mundial. Por intermédio de computadores ou de satélite pode chegar a diferentes locais. Os indivíduos podem trabalhar nos computadores e ouvir emissoras de qualquer parte do mundo, simultaneamente, com elevada qualidade de som. O rádio evolui a partir das necessidades de modificação e tem sua trajetória específica. Segue existindo a partir da oralidade e da audição. Os rádios a pilha acompanham o público, talvez porque os computadores ainda não possam fazê-lo. Sua mensagem pode se tornar cada vez mais específica, mas mundial simultaneamente.

Nos diferentes horizontes, seu valor segue baseado na capacidade de suscitar efeitos junto à recepção e no poder de mobilização, tendo a voz como suporte. O desafio da permanência, por suas características e modificações tecnológicas e de conteúdo, o rádio já venceu. Rádio e público estão mergulhados em horizontes históricos, muitas vezes distintos e defasados, que precisam fundir-se para que a comunicação ocorra. O rádio se torna o campo em que horizontes do autor e do leitor (considerado audiência da emissão radiofônica) podem identificar-se ou estranhar-se. O objetivo é verificar a distância, as diferenças entre as expectativas e a forma concreta do rádio e seus efeitos nos diferentes horizontes, conforme propõe Jauss, na *Estética da Recepção*. Pelas respostas do rádio, nas diversas formas como foi se adaptando e modificando, tornou-se possível reconstruir as perguntas dos horizontes. Todavia, a reconstrução destes horizontes históricos é fator determinante para a investigação. A valorização dos inventos, e neste caso dos meios, se dá na medida em que ele produz alteração ou expansão do horizonte de expectativas do público por opor-se às convenções conhecidas e aceitas por este.

O processo de recepção das tecnologias da Comunicação ocorre quando o público, tendo comparado o meio com a tradição e os elementos de sua cultura e seu tempo, a inclui ou não como componente de seu horizonte de expectativas, mantendo-o como era ou preparando-o para novas leituras de mesma ordem, para novas experiências de ruptura com os esquemas estabelecidos. Pool (1992:88) avalia que é fácil interpretar a evolução dos meios e sua influência social como um tipo de determinismo tecnológico. *Nossas vidas mudam pelas ferramentas que utilizamos. Mas também existe uma interação entre os utilitários e as idéias dos homens sobre como utilizá-los.* O aparelho não predestina as coisas para as quais é usado. Isso surge de uma interação entre aquilo para o que a tecnologia é útil e o que as pessoas querem e estão preparadas para pensar. Os determinantes não são somente a tecnologia, mas também um conjunto de idéias com as quais os inovadores enfocam o novo invento. Este conjunto de idéias integra o horizonte de expectativas, onde se inserem cultura, linguagem e formas de narrar. A interação citada por Pool (1992) representa o jogo de perguntas e respostas proposto por Jauss, avaliado através da reconstrução do horizonte.

Castells (1999:25) diz que as novas formas e processos sociais não surgem em consequência de transformação tecnológica, pois a tecnologia não determina a sociedade. Nem a sociedade escreve o curso da transformação tecnológica, uma vez que muitos fatores, inclusive criatividade e iniciativa empreendedora, intervêm no processo de descoberta científica, inovação tecnológica e aplicações sociais, de forma que o resultado final depende de um complexo padrão

interativo. *Na verdade, o dilema do determinismo tecnológico é, provavelmente, um problema infundado, dado que a tecnologia é a sociedade e a sociedade não pode ser entendida ou representada sem suas ferramentas tecnológicas.* McLuhan (1964:22) afirma que a mensagem de qualquer meio ou tecnologia é a mudança de escala, cadência ou padrão que esse meio ou tecnologia introduz nas coisas humanas. *A estrada de ferro não introduziu movimento, transporte, roda ou caminhos na sociedade humana, mas acelerou e ampliou a escala das funções humanas anteriores, criando tipos de cidades, de trabalho e de lazer totalmente novos.*

É possível afirmar que o desenvolvimento dos meios é conduzido pela própria evolução da humanidade. E aí, conforme demonstra a presente pesquisa, está o seu valor de permanência. Sua atualização se dá, sim, pelos efeitos junto ao público, que exige o desenvolvimento tecnológico e também por suas constantes modificações para responder a estes horizontes. A constituição de um horizonte de expectativas deve ser considerada dentro de uma perspectiva de complexidade, em um presente de incertezas, que resulta da evolução construída de desvios do passado. A pesquisa sobre o presente ocorre averiguando-se os efeitos no momento em que estão ocorrendo, mas considerando sempre suas ligações com os efeitos no passado, inseridos no permanente jogo de perguntas e respostas, próprio da historicidade dos fatos. O que afinal constitui um horizonte? Cada vez mais o grau de complexidade desta pergunta é ampliado, o que fica comprovado pela quarta tese de Jauss: a fusão de horizontes. São informações, códigos, ideologias, e muito mais, fatores que somam-se com cada vez maior velocidade.

Qual a relação, por exemplo, dos inventores com os seus horizontes presentes, passados e posteriores? A pergunta a que Marconi tenta responder com a invenção do rádio é exatamente de transmissão a distância, num período de guerras, em que a comunicação de informações secretas é fundamental. A constituição do horizonte no qual o cientista está inserido é fundamental. O padre gaúcho Landell de Moura patenteia suas experiências de transmissão a distância, mas por ser sacerdote é classificado como o *padre espírita*, homem que pretendia entender-se com os astros. A pergunta que fica está relacionada ao avanço de um invento, nascido paralelamente em diferentes locais, incentivado pela família de Marconi e renegado pela sociedade brasileira. Que horizonte é este e quais os efeitos naquele momento e nos períodos posteriores? Quantos inventos ficam de lado e retornam depois ou quantos inventores são considerados loucos em sua época e têm um invento recuperado posteriormente? É necessário enfocar ainda as previsões feitas sobre avanços tecnológicos em determinados períodos e a confirmação ou não do previsto em horizontes posteriores.

Os meios de comunicação de massa são responsáveis pela criação de diferentes gêneros de programação. Há programas específicos que permanecem ao longo de um determinado período. Uma investigação do valor de permanência do Jornal Nacional, na Rede Globo de Televisão, no ar há mais de 30 anos, é objeto de pesquisa da autora deste texto. Por que alguns gêneros permanecem e outros não? Como se relacionam com os diferentes horizontes e de que forma apropriam-se dos códigos vigentes, causando efeitos junto à recepção? Por que a radionovela é sucesso no período áureo do rádio nos anos 40 e atualmente está reduzida a poucas experiências? Quais os efeitos naquela época e onde está localizada a dramaturgia hoje?

Muitas são as possibilidades de investigação da recepção na comunicação, por intermédio da teoria proposta por Jauss para a literatura. Diversidade e complexidade nas questões que envolvem a humanidade, impulsionadora da evolução e do desenvolvimento tecnológico, estão na raiz da pesquisa. Os diferentes horizontes de expectativas, distante dos quais não é possível investigar efeitos, estão relacionados à apropriação e decisão desta humanidade, passagem do espaço cultural, da linguagem e da narrativa.

BIBLIOGRAFIA

AGUIAR, Vera Teixeira de; BORDINI, Maria da Glória. Literatura: a formação do leitor: alternativas metodológicas. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

BARTHES, Roland. O rumor da língua. São Paulo: Brasiliense, 1988.

____. Novos ensaios críticos seguidos de O grau zero da escritura. São Paulo: Cultrix, [s.d.].

CASTELLS, Manuel. A sociedade em rede. A era da informação: economia, sociedade e cultura. São Paulo: Paz e Terra, 1999. v. I.

GADAMER, Hans Georg. Verdade e método. Traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. Petrópolis: Vozes, 1997.

JAUSS, Hans Robert. A história da literatura como provocação à teoria literária. São Paulo: Ática, 1994.

____. A estética da recepção: colocações gerais. In COSTA LIMA, Luiz. A literatura e o leitor. Textos de estética da recepção. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

____. O prazer estético e as experiências fundamentais da Poiesis, Aisthesis e Katharsis. In: COSTA LIMA, Luiz. A literatura e o leitor. Textos de estética da recepção. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

LÉVY, Pierre. As tecnologias da inteligência. O futuro do pensamento na era da informática. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.

LODGE, David. A forma na ficção. Guia de métodos analíticos e terminologia. Trad. de Maria Angela Aguiar. Cadernos do Centro de Pesquisas Literárias da PUCRS – Série Traduções, Porto Alegre, v.2, nov. 1996.

MATTELART, Armand e Michele. História das teorias da comunicação. São Paulo: Loyola, 1999.

McLUHAN, Marshall. Os meios de comunicação como extensões do homem. São Paulo: Cultrix, [s.d.].

____; FIORE, Quentin. El medio es el mensaje. Un inventario de efectos. Buenos Aires: Paidós, 1997.

MORIN, Edgar; KERN, Anne Brigitte. Terra-pátria. Porto Alegre: Sulina, 1995.

MORIN, Edgar. Da necessidade de um pensamento complexo. In: MARTINS, Francisco Menezes; SILVA, Juremir Machado da (Orgs.). Para navegar no século XXI. Porto Alegre: Sulina/EDIPUCRS, 1999.

POOL, Ithiel de Sola. Discursos e sonidos de largo alcance. In: WILLIAMS, Raymond (Org.). Historia de la comunicación. De la imprenta a nuestros días. Barcelona: Bosch, 1992.

SOUZA, Mauro Wilton de. Recepção e Comunicação: a busca do sujeito. In: ____ (Org.). Sujeito, o lado oculto do receptor. São Paulo: Brasiliense, 1995.

WOLF, Mauro. Teorias da comunicação. Lisboa: Presença, 1994.

ZILBERMAN, Regina. Estética da recepção e história da literatura. São Paulo: Ática, 1989.

____. Fim do livro, fim dos leitores? São Paulo: SENAC, 2001. (Ponto futuro; 3)